

Cisterna Calçadão- alívio para produção e criação

Família do Agreste de Pernambuco administra a água das cisternas para sustentar os animais e a produção de alimentos



Criação animal de Dona Josefa e Seu Elias

A família de Senhor Elias Andrade Nóbrega e Dona Josefa Andrade Nóbrega mora no sítio Gavião, que fica situado no município de Cumaru, Agreste de Pernambuco. Quando casaram, Elias e Josefa passaram um ano e dois meses morando no município de Riacho das Almas, também Agreste de Pernambuco, trabalhando com costura de roupas infantis. Uma atividade comum na região já que esses municípios fazem parte do Pólo Têxtil e que atraí muitas famílias agricultoras para essa atividade. Os problemas econômicos para levar adiante a atividade e a falta de equipamentos e infraestruturas fizeram com que o casal

retornasse para o meio rural. Isso aconteceu no final 1987, já que a cidade não mais lhes oferecia renda e qualidade de vida.

No retorno ao sítio, Elias e Josefa organizaram a produção agrícola e a criação animal nessa época nem energia elétrica ainda havia na comunidade. Só chegou sete anos depois. Mas a família buscou se organizar como podia e em 1988 construiu, com recurso próprio, a primeira cisterna com capacidade para armazenar 12 mil litros de água.

Em 1998, a família vendeu um garrote que já era fruto da criação de animais existente no sítio, para aquisição de equipamentos para melhorar a geração de renda da família. No ano seguinte, o casal conseguiu acessar um empréstimo pelo Banco do Nordeste. O recurso possibilitou a compra de dois terrenos e a construção de mais uma cisterna com capacidade de armazenamento de 23 mil litros de água.



Família de Seu Elias e Dona Josefa com sua produção



Cisterna calçadão aliviou o problema da falta de água para produção e para os animais

A chegada de Políticas Públicas na comunidade trouxe para a família, em 2015, a possibilidade de adquirir uma cisterna para produção de alimentos. A cisterna armazena 52 mil litros de água e é fruto do projeto Pernambuco Mais Produtivo (PMP), executado pelo Centro Sabiá em parceria com o governo do Estado. Nesse mesmo ano, a família começou a ser assistida pela Chamada Pública de ATER Agroecologia outra Política Pública, mas de cunho Federal, também executada pelo Centro do Sabiá a partir do processo de assessoria das famílias contempladas no município.

Cisternas – alívio para a família e para a comunidade

A primeira cisterna construída pela família foi colocada à disposição do Exército para abastecê-la mensalmente e atender as famílias vizinhas. As cisternas, em especial a de produção, trouxeram alívio para a família, especialmente para a criação animal. “Antes a gente comprava água, principalmente para os animais, porque eles não bebem água salobra. A cisterna de 52 mil litros esta ajudando a superar essa fase mais difícil da seca”, diz Dona Josefa Nóbrega.

Criar animais é uma das atividades de produção que a família gosta. “Mesmo com as outras atividades, a criação animal sempre se manteve na minha propriedade”, afirma Seu Elias Andrade. De acordo com ele, desde 1987 quando retornou ao sítio, este é o primeiro ano que a família precisou comprar palma forrageira para alimentar os animais. Isso, porque em 2016 não teve chuva suficiente na região para ter palha necessária para fazer silagem.

A seca fez aumentar os custos com a alimentação dos animais. Para otimizar sua produção de alimento e água, a família mantém uma quantidade de 15 cabeças de gado durante o período do inverno. Mas no verão, esse número é de sete cabeças. Isso equilibra os custos da produção do sítio. E com a chegada da cisterna calçadão de 52 mil Litros, a família não precisou mais comprar água para os seus animais. “Essa cisterna foi uma benção, foi ótimo, foi útil para criação dos nossos animais, para as galinhas, porco, gado, ovelha e cabra!”, afirma Dona Josefa.

Comercialização – ovelhas e cabras são comercializadas na feira de animais de Riacho das Almas, duas vezes ao ano. No ano passado a família optou por abater os animais em casa. Retirou a carne para consumo e comercializou o excedente. De acordo com Seu Elias vender “no cabelo” estava inviável.

Criar gado leiteiro é algo que a família preza, porque o leite ajudou a para criar os dois filhos, as duas filhas e agora está ajudando a criar o neto. Outro benefício é agregar valor ao leite produzindo queijo coalho para vender na comunidade. Parte do leite *in natura* também é vendida aos moradores da comunidade. A família também recebe intercâmbio de estudantes e agricultores/as para conhecerem sua unidade de produção

Filha caçula – Kátia Andrade, em 2015 começou a participar das atividades da Comissão de Jovens Multiplicadores/as de Agroecologia (CJMA) do Agreste, assessorada pelo Centro Sabiá. Sua ativa participação, fez dela uma facilitadora dos processos de formação para agricultores e agricultoras contemplados com o projeto das casas de sementes, do Programa Sementes do Semiárido, da Articulação Semiárido (ASA Brasil).



Seu Elias, Dona Josefa e a filha caçula, Kátia